

UM NEERLANDÊS E M SÃO PAULO .
" ... Gerhar t Bettinc k wonend e in West Indie n bij St .
Vincento in een stedtgen genam t St . Paulo " (*).

JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO

No terceiro centenário do início da Bandeira de Fernão Dias, o nosso olhar se volta para todo o ciclo aurífero de nossa história. Figura duplamente importante, ligada ao Governador das Esmeraldas, histórica e genealógicamente, foi o Geraldo Betting. Historicamente representou papel importante nas primeiras pesquisas minerais levadas a efeito no governo de D. Francisco de Souza, na Bahia e em São Paulo. Nessa *avant-prèmiere* do ciclo do ouro, foi a figura essencial e de destaque. Genealógicamente o temos ligado por laços de parentesco a Fernão Dias, por ser Bettin g av ô da mulher do bandeirante, D. Maria Garcia Betim.

Por isso é sempre justo que nesse tricentenário da bandeira esmeraldina, que apesar dos pesares constitui marco importante na história de nossa colonização e desenvolvimento, focalizemo s com atenção a pessoa do holandês Betting e sua atuação.

*

I. — O HOMEM.

Pouco se sabe com referência à pessoa de Geraldo Betting. Quanto às suas raízes e origens. Os documentos da época referem-se simplesmente a

"hum mineiro alemão Girald o Betink " (1),

(•). — Trecho do documento de Doesburg .

(1). — TAUNAY (Affonso de E.), *História Geral das Bandeiras Paulistas*, vol. V, cap. III, pág. 147, Typ. Ideal, São Paulo, 1924.

sem maiores especificações. Sua procedência estrangeira fez surgir várias hipóteses, com o que sempre aconteceu em caso semelhante. Diogo de Vasconcellos, em sua *História Antiga das Minas Gerais*, diz da estirpe dos

"Condes de Bettink, que ainda são até hoje, senhores mediatizados do Reino de Wurttemberg, oriundos da província de Gueldres, nos Países Baixos" (2).

Por sua vez Taunay, na *História Geral das Bandeiras Paulistas*, sob o título de *Reparos a Diogo de Vasconcellos*, anota:

"Não sabemos onde descobriremos que este Gerald o Bettink pertencia à família dos Condes wurtembergueses de Bemtink. Ser-lhe-ia mais fácil atribuir-lhe uma ligação altonant e como famoso valido de Guilherme II da Inglaterra, logo Guilherme Bentinck, que o *stathonder* revolucionariamente empossado em 1689 da coroa da Inglaterra, criou Conde de Portland. Afirmo Diogo de Vasconcellos ter Gerald o Bettink alemão, quando é incontestável sua nacionalidade holandesa, com o natural da Gueldria" (3).

O autor da *História das Bandeiras Paulistas* tem razão ao taxar de inexata a afirmação do autor da *História das Minas Gerais*. Mas incorre no mesmo erro e supor sem dados concretos. Quanto a ter Diogo de Vasconcellos escrito que Gerald o Bettink era alemão, como podemos observar no texto acima citado, ele não o faz, mas pelo contrário afirma-o oriundo da

"província de Gueldres, nos Países Baixos".

Assim, apesar de toda a cerimônia, nesse ponto das origens européias do colonizador holandês, Taunay não acrescenta nada de substancial ao que Diogo já dissera. Apenas levanta uma hipótese, com o que outra, carente de dados.

Temos, portanto, dos dois autores com os dados concretos: a nacionalidade holandesa de Geraldo, e a sua naturalidade da Gueldria. Em Pedro Taques encontramos a especificação da sua cidade natal:

(2). — VASCONCELLOS (Diogo Luís de Almeida Pereira de), *História Antiga das Minas Gerais*, pág. 81, nota 23, a página, 1º volume, 3ª edição, Liv. Itatiaia Ltda., em convênio com o INLE e o MEC, Belo Horizonte, 1974.

(3). — TAUNAY (Affonso de E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 140.

"Giraldo Betim , d a cidad e d e Drusburch , d o Ducad o d e Gueldres" (4) ;

em Taunay , citand o Silv a Lem e (cf . *Gen. Paulistana*, 7 , 452) , qu e era

"holandez, d e Duysburgo , n a Gueldria " (5) .

Drusburch e Duysburg o sã o corruptela s portuguesa s d o nom e Doesburg, d a cidad e holandes a localizad a n a Provinci a d e Gueldrie , às margem s d o ri o Ijssel , círcul o d e Zutphe n (6) .

Outro problem a constitu i a corret a grafia d o nom e d o mineiro . Em diverso s lugare s encontramos Gibaldo , Giraldo , Geraldo ; Bettink , Betimk , Betting , Beting , Betim . É natura l qu e u m nom e estrangeir o seja aportuguesado , à s veze s pel o próprio dono . N o noss o caso , en - quanto iss o nã o ocorre u definitivamente , dua s geraçõe s mai s tard e — transformando-se e m Beti m — flutuo u entr e a s diversa s grafia s cita - das. Encontramos , muit o a propósito , e m Silv a Lem e a nota :

"Betimk, escreve u Pedr o Taques ; nó s escrevemo s Bettin g (pa - lavra qu e hoj e est á corrompid a e m Betim) , poi s assi m vimo s e m autos antigo s a assignatur a d e Gerald o Betting , progenito r d'est a familia" (7) .

Parece-nos, à vista do s dado s qu e hoj e temos , perfeitament e coe - rente a anotação do genealogista.

*

II. — O DOCUMENTO DE DOESBURG.

Documento recentement e localizad o n o Arquiv o d a cidad e d e Doesburg, pel o Sr . J . W . va n Petersen , Arquivista-chefe , ve m eluci - dar vário s ponto s incerto s sobr e a pesso a d o mineir o holandês .

O document o tem a dat a d e 14 d e dezembro d e 1614 , e nel e le - mos que , perant e os . vereadore s Joha n Stenderin g Henric e e Adriae n Buickenvoert, o s procuradore s d e Gerhar t Bettinck,

(4). — PAE S LEM E (Pedr o Taque s d e Almeida) , *Nobiliarchia Pau - listana*, Titulo Lemes , cap . V , § 5 , 3-1 .

(5). — TAUNA Y (Affons o d e E.) , *Op. cit.*, vol . VI , pág . 101 .

(6). — Doesbur g est á localizad a n a confluênci a d o ri o Ijsse l co m o Oude Ijssel , sobr e o qua l te m ponte . Possu i um a notave l igrej a dedicad a a São Miguel , Câmara d e comércio e fundiçõe s d e ferro . É especialment e fa - mosa po r u a mostarda . Fo i conquistad a pelo s espanhoi s e m 1585 .

(7). — SILV A LEM E (Lui z Gonzag a da) , *Genealogia Paulistana*, Tí - tulo Pires , vol . II , pág . 42 , cap . VII , § 1º , 2-1 , not a a o pé d a página .

"vivo na s Índias Ocidentais , pert o d e Sã o Vicente , num a pe -
quena cidad e chamad a Sã o Paulo" ,

apresentaram u m document o d e

"procuração, dad o e m Sã o Paulo , escrit o e m portugûes , da -
tado de 29 d e dezembr o de 1613" .

Na procuraçã o Gerald o Bettin g (8) dav a podere s a Joha n Sten -
deringh Lamberss , Joha n Dunsberc h e Wolte r Schaep , seu s procura -
dores, para

"entregar e transportar , na s mão s d e Joha n va n Ackeren ,
Udo Avin c e Freric k Besselinc k e Herme n Bettinc k e o s seu s her -
deiros, tod a heranç a patern a e matern a d o principa l Gerri t Bet -
tinck" .

A heranç a de Geraldo havia sid o vendida e m outubro de 161 1

"por Pete r va n Belheem , e m nom e d o m̃encionad o Gerri t
Bettinck, po r um a cert a som a d e moeda na s mão s d e Ar t Baer -
ken e Ever t va n Middachten" , "depoi s d e te r sid o determinad o
um cert o inventário" .

Assim, pel a procuração, Geraldo, d o Brasil, autorizav a a entreg a
de se u capital às pessoa s mencionadas, o qu e fo i feit o

"depoi s d e te r sid o lid a e m voz alt a a procuraçã o mencionad a
como feit a nest a seçã o" .

O senho r Wolte r Schaep , explico u e m seguid a qu e

"no cas o d e o s compradore s provare m qu e a assinatur a d e
Gerrit Bettinc k aqu i mostrad a sej a falsa, el e lhe s restituir á o di -
nheiro pag o pel a compr a acim a mencionada, e po r mei o dest a d á
como garanti a su a cas a e terren o qu e aqu i possui " (9) .

(8) . — Adotamo s ess a grafia , segund o o testemunh o d e Silv a Lem e su -
pra citado .

(9) . — Traduçã o d o document o (textual) :
"14 d e dezembr o de 1614 .

"Perante o s vereadore s Joha n Stenderin g Henric e e Adriae n Buickenvoer t
compareceram o s excelentíssimo s senhore s Joha n Stenderin g Lamberss , Joha n
Dunsberch e Wolte r Schaep , com o procuradore s d e Gerhar t Bettinck , viv o na s
Índias Ocidentai s pert o d e Sã o Vicente , num a pequen a cidad e chamad a Sã o
Paulo, e m consequênci a d e um a procuraçã o d e Sã o Paulo , escrit a e m portugûes ,

Com respeito às questões acima levantadas, tal documento vem provar a naturalidade de Gerald Betting: realmente ele é holandês, de Doesburg, na Gueldrie. O documento revela ainda que ele continuou, mesmo de São Paulo, a manter relações com seus conterrâneos — de outra maneira não se explica os seus negócios lá. Podemos notar que em 1611 ele ordenava a venda de sua parte na herança dos pais. E em 1613, dada a procuração passada em São Paulo, passava a mesma herança, já vendida mas ainda não paga efetivamente, para determinadas pessoas. Essas pessoas, afirma o Sr. van Petersen,

"anteriormente são chamadas "os herdeiros de Thoenis Bettinck" (10).

Existe forte possibilidade de que Herme n Bettinck seja irmã de Gerrit e, talvez, Johan van Ackeren, Ud o Avincx e Freric k Besselinck fossem seus cunhados, casados com irmãs suas, já que Thoenis é o pai de Geraldo. Mas, para não incorrer no erro de fazer conjecturas sem dados, é melhor aguardarmos maiores esclarecimentos do arquivista de Doesburg.

Uma outra nota sobre o documento é a confiança que tinha o Sr. Wolter Schaepe em Geraldo, dando sua casa e terreno em Doesburg como garantia do negócio, feito das tão longínquas "Índias Ocidentais".

Parece-nos ainda perfeitamente razoável que o nome holandês Gerrit (ou Gerhart) fosse traduzido pelo próprio do dono para Geraldo;

datada de 29-12-1613, apresentada nesta seção, e tem (os procuradores) o poder — e em consequência da procuração acima mencionada e entregue e transportada — para entrega e transportar, através dessa, às mãos de Johan van Ackeren, Ud o Avincx e Freric k Besselinck e Herme n Bettinck e os seus herdeiros, toda herança paterna e materna do principal Gerri t Bettinck, mencionado acima, depois de ter sido determinado um certo inventário o qual em outubro do ano de 1611 foi vendido por Peter van Belheim, e em nome do mencionado Gerri t Bettinck, por um certa soma de moeda na sua mão e de Art Baerke n e Ever t van Middachten; depois de ter sido lidada e movida a procuração mencionada como feita nesta seção do dera m o s procuradores acima mencionado s toda herança paterna e materna de Gerri t Bettinck, acima mencionado, e em favor de Johan van Ackeren, Ud o Avincx, Freric k Besselinck e Herme n Bettinck e seus herdeiros, a palavra, mão e pena, com o acontecimento em tribunal".

"Em seguida, Wolter Schaepe explico u diante dos vereadores acima mencionados que, em caso dos compradores acima mencionado s poderem provar que a assinatura de Gerri t Bettinck aqui mostrada seja falsificada, e eles restituirá a sua moeda paga pela compra acima mencionada, e por meio desta dá, como garantia, sua casa e terreno que possui aqui".

(A tradução do documento, que oferece graves dificuldades, devido à linguagem jurídica e arcaica, devemos ao *s. fratri* do Colégio Padre Eustáquio de Belo Horizonte, especialmente a o *Frater* Nicácio).

(10). — Carta do Sr. van Petersen, de 7 de setembro de 1973, de meu arquivo particular.

e que o sobrenome Bettinck, se modificasse em Bettin g (11), Pelo que adotamos essa grafia no presente trabalho, com o Silva Leme de ter lido na assinatura de Geraldo.

*

III. — O TRONCO.

Sob o ponto de vista genealógico, Geraldo Bettin g tem a importância de ser o tronco de uma das mais ilustres famílias paulistas: o Betim,

Sabemos, segundo informações do sr. van Petersen, que Geraldo era filho de Thoenis (ou Thonis) Bettinck, falecido em Doesburg a 29 de junho de 1584, e de Merrie (12). Temos razão para cre-lo natural da mesma cidade.

Vindo da Bahia com o Governador D. Francisco de Souza (como trataremos adiante), transferiu-se para São Paulo, onde fixou residência e se casou com Custódia Dias.

Era Custódia filha de Manoel Fernandes Ramos;

"natural de Moura, que em 1564 encontramos com o escrivão da Câmara de Piratininga, tendo uma fazenda do lado de Ibirapuera. De 1575 a 1589 exerceu mais os cargos de juiz ordinário, almotacel, ouvidor eclesiástico e vereador. Tomou parte nos primeiros encontros com o gentio hostil, tendo seguido na bandeira de Jerônimo Leitão, a Paranaguá, em 1585. Faleceu nos últimos meses de 1589, tendo tido de seu casamento 17 filhos, dos quais por sua morte ficaram 15 vivos" (13).

Por sua mãe, Susana Dias, era Custódia netada de Lopo Dias e de sua mulher Beatriz Ramalho (ou Dias). Beatriz era filha de João Ramalho e da índia Bartira, batizada com o nome de Isabel Dias, filha do cacique Tibiriçá (14).

(11). — Para o hábito linguístico português se é mais cômoda a pronúncia BETTING (consoante final sonora) que BETTINC K (consoante surda). Lembramos que ambos os fonemas são oclusivos velares, distinguindo-se apenas por ser o /k/ surdo e o /g/ sonoro. A adaptação do nome completamente à nossa língua se deu com a apócope da consoante final, ficando por isso reduzido a BETIM. A forma BETTING representa um estágio dessa evolução.

(12). — Carta do sr. J. W. van Peterse n de 6-03-74, de meu arquivo particular.

(13). — FRANCISCO (Francisco de Assis Carvalho), *Título dos "Fernandes Povoadores"*, in REVISTA GENEALÓGICA LATINA, 1951, vol. III, pág. 77.

(14). — Cf. SILVA LEME, *Op. cit.*

O casamento de Gerald o Bettin g realizou-se com o vemos , no s mais tradicionai s troncos paullistas , poi s reuni a a dita "nobreza da terra" com a lus a (15) .

A sua descendência ainda está por ser estudada mais detalhadamente. Pedro Taques apenas se refere , com o sua filha , a D . Maria Betting , ou Betim (16) , a o tratar de D . Maria Garcia Betim , e m título Lemes , e de D . Maria Leme de Oliveira , e m título Chassins . Deixa o genealogista , n o primeiro caso , um a nota que envi a o leitor para o "título Betimk , cap . 1 °" . Mas tal título não se encontra em sua *Nobiliarquia* . Somo s levados a crer que pretendia compor um trabalho sobre a família , o que infelizmente não pode fazer .

D . Maria Betim , afirma Pedro Taques ,

"falleceu em São Paulo na idade de 115 anos" .

Foi casada com Garcia Rodrigues Velho , falecido em São Paulo a 13 de abril de 1671 ,

"prestigioso cidadão de São Paulo , potentado e m arcos , com os quais tomou o partido dos Pires contra os Camargos " (17) .

Era filho de outro do mesmo nome (Garcia Rodrigues Velho) e de Catharin a Dias , filha esta de Domingos Dias e Antônia Chaves . Por seu pai era neto de Domingos Gonçalves da Maia e de Messia Rodrigues , filha esta de Garcia Rodrigues e de sua mulher Isabel Velho ,

"naturais do Porto , que viera m a São Vicente trazendo em sua companhia filho s e filhas ; entre os filhos veio o padre Garcia Rodrigues Velho que por sua importância e prestígio conseguiu para sua irmã s casamento s com pessoa s da primeira nobreza em São Paulo " (18) .

(15). — "Tibiricá , chefe da aldeia de Inhapuambuçu , comandava a s tribos de Piratininga . Foi o "grande defensor do tronco de que se desgalharam os bandeirantes", o "Patriarca da raça Bandeirante" . " A índia sua filha Burtira (Mbicy) foi quem amamentou a prole dos Camachos que se entroncaram com a dos Pompeus e do fidalgo Cavalheiro Jorge Ferreira , a de Lopo Dias , cuja descendência se entrelaçava à dos Garcia s Velhos , à dos Macedos , que esbracejavam pelas estirpes dos Torres , Escudeiros , Alvarengas , Godoy s e Abreus" . — VIDIGAL (Pedro Maciel) , *Amador Bueno , o Aclamado , n a Família Lagoana* , pág . 63 , Imprensa Nacional , Rio de Janeiro , 1945 .

(16). — Cf . Tambe m SILVA LEME , *Op. cit.*

(17). — SILVA LEME , *Op. cit.* , vol . 7 , pág . 451 .

(18). — *Ibid.* , pág . 396 .

D. Maria Betim e Garcia Rodrigues Velho foram pais de Miguel Rodrigues Velho, Maria Garcia Betim (mulher do bandeirante Fernão Dias), Jorge Rodrigues Velho, Antônio Rodrigues Velho, Anna Maria Rodrigues Garcia, Coronel Garcia Rodrigues Velho, Custódia Dias e José Rodrigues Betim (19).

*

IV. — O COLONIZADOR.

A vinda de Geraldo Betting para o Brasil com o mineiro, isto é, como agente da colonização, é o que trataremos nessa última parte. Diogo de Vasconcellos escreveu que

"os progenitores de D. Maria Betim vieram para o Brasil com a Invasão Holandesa; e Gibaldo Betting passou-se para São Paulo onde se casou..." (20).

Nos seus *Reparos a Diogo de Vasconcellos*, Taunay, a í com verdadeira razão (se bem que não o caberia o historiador um a atitude tão passional), anota:

"Esta este propósito incidem e em grav e cindada, a o affirmar que o avô de Maria, Geraldo Betting, veio para o Brasil com a invasão holandesa, quando é indiscutível que o fôido s principaes companheiros de Dom Francisco de Souza" (21).

É realmente certo que veio para o Brasil em companhia do sétimo governador geral, que

"o trouxe do reino com o fito de mandar construir engenho de ferro na capitania" (22).

Não era coisa rara na época a existência de estrangeiros em Lisboa. Por isso somo s de parecer, com base na afirmativa acima, que Geraldo teria passado primeiramente a Portugal, com o ou sem intenção de vir à capitania, sendo daí trazido

(19). — Cf. SILVA LEME, *Op. cit.*, vol. 7, pág. 452 ss.
(20). — VASCONCELLOS (Diogo de), *Op. cit.*, p. 57.
(21). — TAUNAY (A. E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 140.
(22). — FRANCO (Francisco de Carvalho), *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, secs. XVI, XVII, XVIII, verbet Betting, Geraldo.

"por D. Francisco de Souza, e em companhia de Jacques Oalte" (23).

Oalte era mineiro e Bettin, engenheiro prático de metais (24). Eram os auxiliáveis indispensáveis para o plano que o governador tinha em mente: as pesquisas minerárias (25).

A data de sua vinda devemos fixá-la, portanto, posterior a 1591, ano do início do governo de D. Francisco. Passou primeiramente à Bahia (com o governador), onde esteve até o ano de 1600. Nessa época desceu para São Paulo na comitiva de D. Francisco.

"Trouxera o governador, grandioso com o sabiá ser, "hu a companhia de soldado e infante do prezido da Bahía, e com o capitão delia Diogo Lopes de Castro e seus officiaes". Também o acompanhava o cirurgiã José Serrão, médico... Dois especialistas indispensáveis para a empresa angariara, "hu mineiro alemão Jacques de Oalte e hu engenheiro tã o be m alemã o Giraldo Betink, vencendo cada um de ordenado 200 \$ por anno" (26).

D. Francisco entregou-se às pesquisas de metais na região. Até julho de 1601 a comitiva governamental desceu à costa por três vezes (27), indo aos rios

"Araçoiaba, Jaraguá, Ibituruna e outros" (28). "Acompanho o Geraldo Bettin, gess e fidalgo português e em todas as entradas que fez em São Paulo" (29),

o que bem demonstra a importância que tinha nos trabalhos do governador.

Em 1602 terminou o mandato de D. Francisco, mas Geraldo, já fixado na terra paulista, nela continuou seu trabalho. É o que provamos a declaração de Balthazar Gonçalves ao capitão-mor loco-tenente Gaspar Conqueiro, feita em fins de 1611, na qual, defendendo-se das acusações de que se iria a proximamente a o sertão à caça de índios, afirmava pretender

(23). — TAUNAY (A. E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 101. (Lembramos que nessa época Portugal e suas colônias, bem como os Países-Baixos, eram domínios da Espanha).

(24). — Cf. TAUNAY, *Op. cit.*

(25). — *Ibidem.*

(26). — TAUNAY, *Op. cit.*, cap. III, vol. V, pág. 147.

(27). — Cf. TAUNAY, *Ibidem.*

(28). — FRANCISCO (F. A. Carvalho), *Op. cit.*

(29). — *Ibidem.*

"ir apenas às minas de Caativa, como mineiro alemão Oalt e ou Bettimk, por ordem do provedor Quadros" (30).

Em 1611 ainda, como lemos no documento de Doesburg, ordenava desde São Paulo a venda de sua parte na herança dos pais. E em 1613, a sua transmissão para as citadas pessoas.

Parece certo que ele fixa desde 1600 sua residência em São Paulo, ainda que saísse frequentemente nas diversas incursões pesquisadoras. Contra a afirmativa de Carvalho Franco de que teria passado a

"São Paulo em 1609 e não em 1598, como muito se escrevem" (31),

temos sua própria anotação de que fora o Governador D. Francisco de Souza que o trouxe ao reino (32). Ora, o governo de D. Francisco estendeu-se de 1591 a 1602, sendo inexata, portanto, a primeira afirmativa. Além do mais, as citações de documentos da época, feita por Taunay, provam bem a presença de Bettim e em São Paulo no ano de 1600.

Não encontramos referência à sua morte, que pensamos ter ocorrido também em São Paulo ou nas redondezas.

BIBLIOGRAFIA.

1. — DOCUMENTO DE DOESBURG, "de 14 de dezembro de 1614", Rep. Oductie Rijksarchieff in Gelderland Arnhem, Archieft R. A. G. Rechbar. Doesburg, Inv. nr. 1510.
2. — ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL, W. M. Jackson Editores, Rio de Janeiro.
3. — ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA, Espasa-Calpe S. A., Bilbao, 1928.
4. — FRANCO (FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO), *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, secs. XVI, XVII, XVIII*.
5. — FRANCO (FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO), *Título dos "Fernandes Povoadores"*, in REVISTA GENEALÓGICA LATINA, vol. III, São Paulo, 1951.
6. — PAES LEME (PEDRO TAQUES DE ALMEIDA), *Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica*, 2a. ed., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1926.

(30). — TAUNAY (A. E.), *Op. cit.*, vol. I, cap. XI, pág. 263.

(31). — FRANCO (F. A. Carvalho), *Op. cit.*

(32). — Cf. FRANCO (F. A. Carvalho), *Op. cit.*

7. — SILVA LEM E (LUI Z GONZAGA DA) , *Genealogía Paulistana*, Duprat & Comp., São Paulo, 1903 .
8. — TAUNAY (AFFONSO DE E.) , *História Geral das Bandeiras Paulistas*, Typografia Ideal, São Paulo, 1924 .
9. — VASCONCELLOS (DIOGO LUIS DE ALMEIDA PEREIRA DE) , *História Antiga das Minas Gerais*, 3a . edição , Liv . Itatiaia Ltda e m convênio com o Instituto Nacional do Livro e o Ministério da Educação e Cultura , Belo Horizonte , 1974 .
10. — VIDIGAL (PEDRO MACIEL) , *Amador Bueno, o Aclamado, n a família Lagoana*, Imprensa Nacional , Rio de Janeiro , 1945 .